

**NIEP
MARX**Núcleo Interdisciplinar de Estudos e
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

Marx e o Marxismo 2013: Marx hoje, 130 anos depois

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 30/09/2013 a 04/10/2013

TÍTULO DO TRABALHO			
Humanidade supérflua e a regulação armada da vida social			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Andre Gomez Villar	Universidade Federal Fluminense – Departamento de Pedagogia – Angra dos Reis	UFF	Temporário
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>A longa ascensão histórica do capitalismo chegou ao fim nas últimas décadas do século XX. Desde então, ele mergulhou numa profunda crise estrutural. Sua lógica de funcionamento principiou a se emperrar de suas dilacerantes contradições. Atingiu o seu limite interno. As novas forças produtivas baseadas na tecnologia da microeletrônica já não mais se encaixam nos estreitos limites da socialização capitalista. Essa contradição ameaça explodir a totalidade da forma social. De todo modo, o processo de desintegração já principiou. Uma das manifestações da decomposição consiste na obsolescência e redundância de uma gigantesca parcela da humanidade. Ela já não é mais necessária para o funcionamento da economia capitalista. O totalitarismo da sociedade mercantil não cessa de forjar uma série de medidas repressivas e violentas de gestão de crise. A criminalização da pobreza tornou-se um fenômeno mundial. Terrorismo estatal, prisão e extermínio são algumas das formas de “contenção” das massas sobrantes.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Crise Estrutural – Criminalização da pobreza – Terrorismo Estatal			
ABSTRACT			
<p>The long historical rise of capitalism ended on last decades of XX century. Since then capitalism sank into a deep structural crises. Its logic started to stick with lacerating contradictions. It reached its internal limit. New productive forces based on microelectronic technology never more can be fit on the narrow limits of capitalistic socialization. This contradiction threatens to explode the complete social form. Nevertheless, disintegration process has already started. One manifestation of decomposition is the obsolescence and redundancy of a huge part of humanity. This part is not more necessary for capitalist economy functioning. Totalitarianism of mercantile society creates incessantly a series of repressive and violent ways for crises management. Poverty criminalization became a world-wide phenomenon. State terrorism, prison and extermination are some forms of “contention” of redundant masses.</p>			
KEYWORDS			
Structural crises – Poverty criminalization – state terrorism			
EIXO TEMÁTICO			
Marx, o marxismo e o Estado			

HUMANIDADE SUPÉRFLUA E A REGULAÇÃO ARMADA DA VIDA SOCIAL

A longa ascensão histórica do capitalismo chegou ao fim nas últimas décadas do século XX. Desde então, ele mergulhou numa profunda crise estrutural. Sua lógica de funcionamento principiou a se emperrar de suas dilacerantes contradições. Atingiu o seu *limite interno*. As novas forças produtivas baseadas na tecnologia da microeletrônica já não mais se encaixam nos estreitos limites da socialização capitalista. Essa contradição ameaça explodir a totalidade da forma social. De todo modo, o processo de desintegração já principiou.

Uma das manifestações da decomposição consiste na obsolescência e redundância de uma gigantesca parcela da humanidade. Ela já não é mais necessária para o funcionamento da economia capitalista. O totalitarismo da sociedade mercantil não cessa de forjar uma série de medidas repressivas e violentas de gestão de crise. A criminalização da pobreza tornou-se um fenômeno mundial. Terrorismo estatal, prisão e extermínio são algumas das formas de “contenção” das massas sobrantes.

Limite interno

O capitalismo é um sistema histórico e como tal não perdurará para todo o sempre. Pelo contrário. Ele é inteiramente atravessado por profundas contradições estruturais. Tais contradições não cessam de se agravar. Trata-se de um processo irreversível que aponta não apenas para a irrupção de crises passageiras, mas também para sua própria desintegração, para o colapso sistêmico. É nesse período histórico em que nos encontramos há mais de quatro décadas.

Desde a década de 1970 que o capitalismo mergulhou num quadro qualitativamente distinto de crise. O advento e a generalização da microeletrônica no âmbito da produção industrial contribuíram para promover uma inaudita “racionalização” dos processos produção. A microeletrônica é uma tecnologia de racionalização por excelência. Desde então a repulsão do trabalho vivo da produção de mercadorias já não mais podia ser compensada pelo surgimento de novos produtos e novos mercados. Essa é uma novidade no interior da própria história do capitalismo.

Uma das consequências mais graves de todo esse processo consistiu numa enorme redução da “substância” que alimenta a valorização capitalista: o “trabalho abstrato”. O capitalismo é estruturalmente dependente da mobilização de quantidades crescentes de trabalhadores na produção de mercadorias a fim de gerar uma mais-valia crescente e assim prosseguir seu movimento de acumulação e expansão permanente. Com o advento e generalização da revolução industrial da microeletrônica, tal lógica colide com seus limites intrínsecos.

Marx havia previsto esse desdobramento crítico do modo de produção capitalista com mais de um século e meio de antecedência:

O trabalho não aparece mais tão envolvido no processo de produção quando o ser humano se relaciona ao processo de produção muito mais como supervisor e regulador. [...] Não é mais o trabalhador que interpõe um objeto natural modificado como elo mediador entre o objeto e si mesmo; ao contrário, ele interpõe o processo natural, que ele converte em um processo industrial, com meio entre ele e a natureza inorgânica, da qual se assenhora. Ele se coloca ao lado do processo de produção, em lugar de ser seu agente principal. Nessa transformação, o que aparece como a grande coluna de sustentação da produção e da riqueza não é nem o trabalho imediato que o próprio ser humano executa nem o tempo que ele trabalha, mas a apropriação de sua própria força produtiva geral, sua compreensão e seu domínio da natureza por sua existência como corpo social – em suma, o desenvolvimento do indivíduo social. O roubo de tempo de trabalho alheio, sobre o qual a riqueza atual se baseia, aparece como fundamento miserável em comparação com esse novo fundamento desenvolvido, criado por meio da própria grande indústria. [...] De fato, porém, elas constituem as condições materiais para fazê-lo voar pelos ares (MARX, 2011, p. 588,589).

No momento em que a ciência e a tecnologia se tornam as forças produtivas principais, a forma do valor se torna obsoleta. É o capitalismo mesmo que passa a se revelar arcaico. Medir a riqueza socialmente criada em função da quantidade de dispêndio de energia humana nos processos de produção se torna tão inútil quanto impossível. Tal coisa não é mais possível quando a produção passa a depender fundamentalmente do saber social desenvolvido pela sociedade objetivado nas máquinas. A forma social baseada no valor e no trabalho abstrato só pode sobreviver pelo congelamento das formas de pensar, sentir e agir da humanidade.

Nas últimas décadas, a sobrevivência do capitalismo passou a depender cada vez de um imenso esforço de decolagem de seus próprios fundamentos. Uma vez que a substância trabalho abstrato não é capaz de crescer o suficiente para alimentar o processo de valorização, o capitalismo passou a queimar riqueza futura no presente por meio da *ficcionalização* da economia. Ele cria uma enorme massa de dinheiro sem substância e dele se alimenta. Daí o endividamento de particulares, empresas e Estados em escala mundial. Então é o capitalismo mesmo que principia a sobreviver acima de suas possibilidades. Temos um capitalismo movido a crédito. O problema não é, portanto, a falta de regulação dos mercados financeiros, como afirmam certos analistas. Mas o contrário. A expansão dos mercados financeiros é que têm sido um dos principais meios de fazer funcionar um sistema que se encontra tecnicamente morto.

Economia militarizada

Uma das características da economia capitalista desde meados do século XX é a sua necessidade crescente de efetuar dispêndios bélicos. A criação de um vasto complexo industrial-militar é uma de suas mais veementes expressões disso. O caráter desse complexo destrutivo tem sido denunciado por diversas vozes desde então. No entanto, é importante ressaltar que sua hipertrofia não se deve apenas aos interesses subjetivos de empresários e militares, buscando auferir grandes lucros e

ampliar o poder político e militar. A emergência do complexo industrial-militar consiste antes numa das mais importantes válvulas de escape do capitalismo de suas contradições estruturais, ainda que, no fim das contas, termine por empurrá-las para outras esferas, tornando-as mais explosivas e mais difíceis de contorná-las.

A emissão de dólar, o endividamento estatal e a produção destrutiva são elementos de um esforço para empurrar para frente à economia capitalista. Ainda que já não mais consiga impulsionar um boom econômico como outrora, tais dispêndios se tornaram estruturalmente indispensáveis. Aliás, eles cresceram enormemente na primeira década do século XXI, quando muitos acreditavam num período mais pacífico e menos militarista. Se não existem inimigos, eles devem ser criados. Assim, após o colapso da URSS e o fim da Guerra Fria nasceu a nova luta das democracias ocidentais: o terrorismo. A criação de novos inimigos é ainda mais necessária quando o Estado perde cada vez mais sua legitimidade. A observação de Guy Debord é mais atual hoje do que nunca.

Esta democracia tão perfeita fabrica seu inconcebível inimigo, o terrorismo. De fato, ela prefere ser julgada a partir de seus inimigos e não a partir de seus resultados. A história do terrorismo foi escrita pelo Estado; logo é educativa. As populações espectadoras não podem saber tudo a respeito do terrorismo mas podem saber o suficiente para ficar convencidos de que, em relação a esse terrorismo, tudo mais deve lhes parecer aceitável, ou, no mínimo, mais racional e mais democrático (DEBORD, 1997, p. 185).

Temos então incessantes campanhas de temores, ódio e revanche tipicamente orwellianas. Elas são potencializadas pelo dismantelamento psíquico generalizado dos indivíduos da sociedade da mercadoria em crise. Toda a irracionalidade que daí decorre contribui para levar adiante a irracionalidade e autodestrutividade inerente à lógica de socialização prevalecente. Esse contexto regressivo e brutal é fundamental para manter funcionado com todo o vapor os gastos militares e os demais dispêndios em segurança (prisões, polícia, vigilância, tribunais etc.). Uma forma regressiva e absurda de incinerar todo um “excesso de civilização” que, há tempos, não cessa de transbordar dos estreitos limites da forma social. A militarização da economia é um dos momentos da regressão à barbárie que emerge nos períodos de crise do capitalismo.¹ Tais dispêndios são fundamentais para

¹ “Uma epidemia, que em qualquer outra época teria parecido um paradoxo, desaba sobre a sociedade – a epidemia de superprodução. Subitamente, a sociedade vê-se reconduzida a um estado de barbárie momentânea; dir-se-ia que a fome ou a guerra de extermínio lhe cortaram todos os meios de subsistência; a indústria e o comércio parecem aniquilados. E por quê? Porque a sociedade possui demasia civilização, demasiados meios de subsistência, demasiada indústria, demasiado comércio. As forças produtivas que dispõe não mais favorecem o desenvolvimento das relações de propriedade burguesas; pelo contrário, tornaram-se poderosas demais para essas condições, que passam a entravá-las; e toda vez que as forças produtivas sociais se libertam desses entraves, precipitam na desordem a sociedade inteira e ameaçam a existência da propriedade burguesa. O sistema burguês tornou-se demasiado estreito para conter as riquezas criadas em seu seio. De que maneira a burguesia consegue vencer essas crises? De um lado, pela destruição violenta de grande quantidade de forças produtivas; de outro, pela conquista de novos mercados e pela exploração mais intensa dos antigos. A que leva isso? A preparação de crises mais intensas e destruidoras e à diminuição dos meios de evita-las” (MARX, 1987, p. 81, 82). A diferença da crise que Marx descreveu e da crise atual do capitalismo se deve ao fato de que o “excesso de civilização” não é mais passageiro, mas tornou-se, pelo contrário, algo permanente, pois se trata de

pôr em movimento uma enorme parcela da força de trabalho mundial, ao mesmo tempo em que, pela força das armas, o dinheiro mundial, o dólar, forja seu periclitante “lastro”. O “dólar armamento” e o complexo industrial-militar são duas faces de uma mesma moeda (Cf. KURZ, 2013b). Ao invés da riqueza criada criar as condições para uma vida, ela é utilizada para criar horror e destruição.

Dissolução do capitalismo

Nesse contexto de crise, a concorrência entre os sujeitos da economia se intensificam e se tornam destrutivas e autodestrutivas. Eles são como que acometidos de uma loucura devoradora para açambarcar o que resta de atividades lucrativas. Pouco importa se elas, no fim das contas, leva ao aniquilamento das condições da reprodução social e do próprio funcionamento da economia. É o que se pode notar amplamente no curso dos programas de ajuste estruturais do neoliberalismo e das demais práticas de “acumulação por despossessão” (HARVEY, 2003).

As formas destrutivas de concorrência entre os sujeitos mercantis se manifesta também na hipertrofia da esfera criminoso na economia. A criminalidade deixou de ser um elemento marginal da socialização capitalista para ocupar um lugar cada vez mais central e decisivo (Cf. SCHANDL, 2009). “Apagam-se as fronteiras entre a busca legal do lucro, as transgressões ilegais do mercado legal e a exploração criminoso dos novos espaços de atuação. [...] Aproximadamente 15% do comércio mundial ou cerca de 5% do PIB mundial são gerados de forma ilegal e criminoso” (ALTVATER, 2010, p. 218). Tal volume de dinheiro é fundamental para a sobrevivência da economia mundial como um todo e, portanto, também para as finanças dos mais importantes Estados modernos (Cf. PETRAS, 2002). O problema, portanto, vai para muito além da mera corrupção de alguns políticos ou de parte do aparelho Estatal. Tornou-se estrutural e uma das manifestações da crise do capitalismo. Todos os limites entre o capital “organizado” e o “crime organizado” se apagam (Cf. CHOSSUDOVSKY, 2004, p. 172,173).

Com a crise do capitalismo, também o Estado entra em crise, uma vez que está obrigado a se financiar dos processos de valorização que ocorrem na esfera do mercado. Assim, ele se torna cada vez menos capaz de atender as inúmeras funções que ele assumiu nos últimos séculos. Com isso, a própria reprodução da vida social termina comprometida. Ele se livra delas e limita-se a apenas uma: o exercício da violência. De fato, o Estado pode deixar de cuidar da educação, saúde, infraestruturas, da regulação da economia etc. Nada disso lhe é essencial. Só não pode deixar de possuir homens armados que o defendam do exterior e que salvaguardem a “ordem” no interior –

uma crise de outra ordem, de crise estrutural, daquela que atinge os limites internos da lógica de valorização. Também o processo de recaída na barbárie não é mais um acontecimento passageiro, mas se tornou numa condição igualmente permanente. Queda livre no reino da barbárie... e não sabemos onde está o fundo, se é que ele existe, pois pior parece não ter fim... Sobre o conceito de barbárie Cf. MENEGAT, 2006.

mesmo que sejam *contractors*, empregados de firmas de segurança ou façam parte de bandos armados se financiando por meio da pilhagem. No entanto, no momento em que a crise atinge as finanças estatais ao ponto de já não mais conseguir arcar com os custos de segurança, então é o próprio Estado que retorna aos seus princípios e se converte num bando armado (Cf. JAPPE, 2013, p. 171, 172).

Quando os funcionários públicos não podem mais contar com um salário considerável tirado da arrecadação fiscal vêem-se obrigados a garantir sua renda por meio de outras fontes. Deparam-se então com a escolha entre realizar obedientemente seu trabalho atual como ocupação secundária, afastar-se desse serviço que não oferece mais nenhuma remuneração ou lançar mão da posição ocupada para enriquecer-se de forma irregular. Liberado da relação idealmente simbiótica com a sociedade, mas como antes dotado de direitos soberanos e dos correspondentes instrumentos para fazê-los implementar, fica fácil para parte do aparato estatal converter-se à pilhagem da sociedade. Tal rapinagem assume, de um lado, a conhecida forma de corrupção individual ou frouxamente organizada. Nos países do Terceiro Mundo, onde a instalação do aparato estatal deu-se na maior parte dos casos de forma não muito mais que incipiente, esses fenômenos desempenham um papel cada vez maior. Com a crise estrutural da valorização do valor e do aparato estado, esse papel generaliza-se mundialmente (SCHANDL, 2009, p. 149, 150).

No curso da crise do capitalismo, a concorrência entre os seus agentes recrudescer ao ponto de autodestruição e todos os limites e escrúpulos tendem a cair por terra. Assim, o sinistro mundo hobbesiano, onde os homens se digladiam e se encontram numa perpétua guerra de todos contra todos, torna-se a descrição profética e fiel da decomposição do capitalismo. Mas que, no fim das contas, o Estado pode se converter, como resultado de sua decomposição, num bando armado, dentre outros, disputando os despojos da riqueza existente, como já se pode ver em várias partes do mundo onde o capitalismo se encontra em profundo estado de decomposição.

Humanidade supérflua

Um dos resultados da desintegração capitalista consiste na existência de uma vasta parcela da humanidade que se tornou absolutamente redundante para as necessidades do capital. Eles não servem mais como produtores nem como consumidores de mercadorias. Encontram-se desencaixados da forma de socialização prevalecente e, portanto, sem função. Tornaram-se supérfluos. Sobre eles pairam as mais sinistras ameaças. No capitalismo, ser humano é aquele que é capaz de servir de suporte funcional para as suas categorias fetichistas. Mas logo que isso não seja mais possível, então se é reduzido a pouco menos que uma coisa e torna-se passível de sofrer todos os tipos de coerções e violência, inclusive o extermínio. Tais desdobramentos permitem ver o lado sombrio inscrito nos direitos humanos.

Daqui decorre que os modernos direitos humanos não são uma promessa, mas uma ameaça: se uma pessoa já não é economicamente utilizável e funcional também já não é, em princípio, sujeito de direito, e, se já não é sujeito de direito, não é já um ser humano. A potencial desumanização dos "supérfluos" está contida na concepção burguesa do Iluminismo, na medida em que o ser humano capitalistamente coisificado, na forma "anti-natural" de excluído, ainda é menos que uma coisa. Esta última consequência é o princípio secreto de toda a economia política e, com ela, da moderna política democrática em geral (KURZ, 2013a).

É essa redução que está no cerne da lógica do extermínio e da criminalização da pobreza em escala mundial em nossos dias. O encarceramento em massa explodiu desde os princípios dos anos de 1970, mesmo nos países com menor tradição punitiva. Somente os Estados Unidos (o número 1 em encarceramento) possui atualmente mais de 2,2 milhões de presos (mais uns cinco milhões em liberdade condicional ou prisão cautelar). China, com 1,6 milhão, e Rússia, 731 mil, e Brasil, 541 mil, completam o grupo das quatro maiores populações carcerárias do mundo. Há mais de 10 milhões de pessoas presas em todo o planeta. Com a crise do capitalismo, o Estado de Bem-Estar Social (que sempre foi um Estado-Militarista) cede lugar para um Estado Policial-Penal (sem deixar de ser Militarista).

A criminalização da pobreza se manifesta também sob a forma de puro extermínio físico. A guerra é uma das principais formas de extermínio. E estas não cessam de ganhar força nesse princípio do século XXI. Mas também pode ocorrer por meio de uma espécie de guerra civil, em geral não declarada, do Estado contra suas populações mais pobres. É o que se pode notar no Brasil há algumas décadas. Em especial nas intervenções policial-militares nas favelas e periferias do país. Mais de 40 mil pessoas. Marildo Menegat (2012) lembra que de 1978 a 2003 morreram por causas externas, isto é, por formas violentas – excluindo acidentes de trânsito - 550 mil pessoas. Em 1979 morreram 11.194, enquanto no triênio 1998-2000 a média anual chegava a 41.138 mortos. Números de um país em guerra civil. Do total de mortes, a imensa maioria é de jovens de 15 a 25 anos, 52% negros. Há tempos que a guerra contra a pobreza se tornou literalmente uma guerra contra os pobres.

O Estado brasileiro abandonou a forma clássica de intimidação ou coerção e age indiscriminada e diretamente, na ilegalidade plena. O terrorismo do Estado brasileiro pode ser singular ou de grupos, mas sempre opera sob as suas ordens, ou autorizado. É um terrorismo em grande escala [...]. O terrorismo do Estado está presente na estrutura econômica, nas relações sociais, na transgressão dos direitos civis e humanos. [...] Terrorismo policial é o trabalho de mãos visíveis – um projeto organizacional, uma seleção estratégica, uma conspiração para assassinar e intimidar (MIR, 2004, p. 388, 397).

Trata-se de matar, intimidar e confirmar os pobres. As favelas devem ser transformadas numa espécie de gigantesco campo de concentração a céu aberto. A regulação armada do território, sob a forma de um estado de exceção permanente (polícia pacificadora no Rio de Janeiro, por exemplo), é

apenas uma das variantes das formas violentas de administração da crise do capitalismo. Há um fio sangrento unindo as favelas do Haiti, Brasil, África do Sul e as cidades devastadas do Iraque. Por outro lado, torna-se cada vez mais visível em várias cidades do mundo uma arquitetura militarizada com a finalidade de segregar e excluir. Espécies de bunkers ou zonas de segurança visando isolar os ainda vencedores do sistema do capital contra os seus deserdados.

Solução final

No entanto, a “solução final” para os imensos contingentes de humanidade redundante ocorrem por meios mais flexíveis e menos visíveis. Para isto, os cavaleiros do apocalipse de sempre não cessam de ser requisitados: a fome, a peste, a guerra e a conquista. Basta pensar na fome que atinge mais de um bilhão de pessoas atualmente e das incontáveis vidas ceifadas na África e alhures por causa da AIDS e outras doenças. É o que nos mostra Susan George em seu *Relatório Lugano* (2002). Essa forma de extermínio é muito mais poderosa e letal que os empregados pelos nazistas: são formas de extermínio sem sujeito, que decorre dos próprios princípios da economia. Uma máquina de matar pós-moderna e pós-industrial.

Também os “sujeitos monetários sem dinheiro” (KURZ, 1992) podem se exterminar numa guerra entre bandos nos circuitos das atividades criminosas. E não é raro ver a “racionalidade” econômica dessas atividades não ser mais do que a superfície onde se inscreve apenas a “pulsão de morte”. A lógica da concorrência e o desmantelamento psíquico empurram os sujeitos da forma social para a destruição e autodestruição. Muitos jovens traficantes de drogas não passam de amoques e não esperam mais que a extinção próxima.

Mas esse é apenas o momento negativo do processo de seleção em curso. Está se desenhando também um outro, de caráter positivo, mas não horroroso. Uma nova forma de eugenia está se tornando tecnicamente viável pelas novas tecnologias. Trata-se de criar uma hierarquia entre os seres humanos: de um lado, os seres humanos “atualizados”, por meio de implantes químicos, biológicos e eletrônicos, e, de outro, os “naturais”, relegados a uma condição inferior, uma vez que se tornariam incapazes, inclusive fisicamente, de acompanhar o curso do desenvolvimento tecnológico e econômico do capitalismo.

Exigida pela aceleração econômica e tecnológica total em curso, a seleção seria um modo de “processar” as categorias sociais e as populações em dois registros. No primeiro, trata-se de neutralizar aquelas que se excluam ou foram excluídas do movimento total, seja porque recusavam-no e a ele resistiam, seja porque se mostraram incapazes de acompanhá-lo, tornando-se então “descartáveis”, para usar as palavras do Subcomandante Marcos. No segundo, trata-se de favorecer e estimular aquelas categorias e populações que podem conferir a máxima eficácia à ordem econômica e tecnocientífica, segundo os parâmetros da aceleração total. Assim, Auschwitz seria o emblema negativo da seleção, enquanto a nova eugenia que se constitui como a engenharia genética seria o positivo (SANTOS, 2003, p. 256).

O mundo pós-humano é uma das expressões da atual *obsolescência do homem*. As sombrias advertências de Günther Anders são mais atuais do que nunca acerca de um império técnico-totalitário, muito mais poderoso e perigoso que o “terceiro” Reich. Segundo ele, já teríamos ingressado no campo de gravitação de um totalitarismo de novo tipo.² Totalitória é a forma social que quer reduzir tudo a si mesmo, e quando não consegue busca destruir. Se os humanos só merecem existir enquanto são úteis para a lógica do capital, quando isso não mais ocorre então sua vida mesma já não está garantida.

Uma quantidade importante de seres humanos já não é mais necessária ao pequeno número que molda a economia e que detém o poder. Segundo a lógica reinante, uma multidão de seres humanos encontra-se assim sem razão para viver nesse mundo, onde, entretanto, eles encontraram a vida. [...] “Como livrar-se deles”? Mas trata-se, nesse caso, de uma história da qual eles próprios, certamente, não têm consciência, assim como não têm do perigo que fazem pesar sobre nós, sem encontrar, aliás, nenhuma resistência. Passividade que representa o fato mais inesperado. É esse desinteresse, essa resignação, essa apatia mundializada que poderiam permitir que o pior se instalasse. O pior, que está aí à nossa porta (FORRESTER, 1997 p. 27, 136).

De fato, já nos encontramos em face de uma sociedade onde o controle totalitário dos indivíduos é tecnicamente possível. Os instrumentos de controle, vigilância e violência são hoje muito maiores do que aqueles que estiveram disponíveis para os regimes totalitários do século XX.³ Não é isso que já está em curso? E o que esperar diante do aprofundamento da crise do capitalismo?

² “A semelhança desse ameaçador império técnico-totalitário com nosso império de ontem é evidente. Naturalmente, isto parece provocador, pois temos adquirido o doce costume de considerar o império que deixamos para trás, o ‘terceiro’ Reich, como um fato único, errático, como um fato atípico de nossa época ou no nosso mundo ocidental. Mas este hábito, evidentemente, não serve como argumento, esta atitude não é mais que uma forma de fechar os olhos. Posto que a técnica é nossa filha, seria tão covarde como estúpido falar da maldição que é inerente como se esta tivesse entrado casualmente em nossa casa pela porta dos fundos. Esta maldição é nossa maldição. Posto que o império da máquina procede por acumulação, e posto que o mundo de amanhã se globalizará e os seus efeitos o abarcaram por inteiro, propriamente falando a maldição se acha todavia diante de nós. Ou seja: temos que esperar que o horror do império por vir eclipse amplamente o do império de ontem” (ANDERS, 1988, p. 33).

³ “Nos últimos trinta anos, erigi um arsenal de vigilância e de repressão que supera tudo o que já se viu, mesmo à época dos Estados ditos “totalitários”. Já imaginamos o que teria acontecido se os nazistas e seus aliados tivessem à disposição os mesmos instrumentos de vigilância e de repressão das democracias de hoje? Entre câmeras de vigilância e pulseiras eletrônicas, amostras de DNA e controle de todas as comunicações escritas e verbais, nenhum judeu ou cigano teria escapado, nenhuma resistência teria podido nascer, todo fugitivo de um campo de concentração teria sido recapturado imediatamente. O Estado democrático atual está muito mais equipado do que os Estados totalitários de outrora para fazer o mal, para perseguir de perto e eliminar tudo o que possa fazer-lhe frente. Aparentemente, ele ainda não tem a vontade de fazer desses equipamentos o mesmo uso que seus antecessores; mas e amanhã? [...] Pela primeira vez na história, os governos poderiam reinar sem partilha, apagando toda e qualquer possibilidade de um desenvolvimento futuro diferente do que preveem seus dirigentes. E se eles não forem tão previdentes assim?” (JAPPE, 2013, p. 72, 73).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTVATER, Elmar. *O fim do capitalismo como o conhecemos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ANDERS, Günther. *Nosotros los hijos de Eichmann: carta abierta a Klaus Eichmann*. Barcelona: Paidós, 1988.

CHOSSUDOVSKY, M. *Guerra e globalização: antes e depois de 11 de setembro de 2001*. São Paulo. Expressão Popular, 2004.

DEBORD, Guy. Considerações sobre a sociedade do espetáculo. In: *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FORRESTER, Viviane. *O horror econômico*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

GEORGE, Susan. *Relatório Lugano: sobre a manutenção do capitalismo no século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2002.

HARVEY, David. *O novo imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

JAPPE, Anselm. Violência, mas para quê? In: *Crédito à morte: a decomposição do capitalismo e suas críticas*. São Paulo: Hedra, 2005.

KURZ, Robert. KURZ, R. *O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Poder mundial e dinheiro mundial*. Disponível em: <http://obeco.planetaclix.pt/>. Acesso em: 20 de setembro de 2013.

_____. *A economia política dos direitos humanos*. Disponível em: <http://obeco.planetaclix.pt/>. Acesso em: 20 de setembro de 2013.

MARX, Karl. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Global, 1987.

_____. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MENEGAT, Marildo. *O olho da barbárie*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

_____. *Sem lenço nem aceno de adeus: formação de massas em tempo de barbárie: como a esquerda social pode enfrentar esta questão?* In: *Estudo sobre Ruínas*. Rio de Janeiro: Revan, 2012.

MIR, Luís. *Guerra Civil: estado e trauma*. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

PETRAS, James. *Império e políticas revolucionárias na América Latina*. São Paulo, Xamã, 2002.

SANTOS, Laymert Garcia dos. *Politizar as novas tecnologias: o impacto sócio-técnico da informação digital e genética*. São Paulo: Ed. 34, 2003.